

Saudação ao embaixador da República do Uruguai, ministro doutor N. Alberto Guani

Gabriel de Rezende Filho

Exmo. Sr. Ministro

Aprouve ao nosso Magnífico Reitor, num gesto cativante de bondade e de confiança, designar-me para interpretar os sentimentos dos Professores da Universidade de S. Paulo pela vossa honrosa visita à nossa Casa.

Não havia sinão aceitar a desvanecedora escolha do meu nome, carecedor, sem dúvida, de merecimentos dentre os de tantos Professores, que ilustram, pelo seu saber e virtudes, os vários cörpos docentes da Universidade.

Temo, entretanto, no desempenho desta delicada missão, que as palavras desataviadas, que vou proferir, em desconcôrto com a magnificência desta esplêndida assemblêia, não consigam traduzir, mesmo palidamente, o quanto de respeito e de admiração dedicamos ao nosso insigne hóspede.

Viestes ao nosso país, exmo. sr. Ministro, em visita de amizade e de confraternização, como lídimo embaixador do Uruguai.

O prestígio de vossa alta personalidade não se confina dentro dos estreitos limites de vosso Estado, antes, dada a vossa envergadura intelectual e moral e a vossa eminente posição de homem público americano, o vosso nome atra-

(*) Proferida em nome da Universidade de São Paulo, em 11 de setembro de 1940.

vessou as ráias nacionais, alargando-se por toda a América Latina e tomando mesmo projeção internacional.

Ns vários postos que tendes exercido, dentro e fóra do Uruguai, fostes sempre homem destacado, principalmente por haverdes tomado posição como impertérrito defensor do Direito e da Justiça, zelando, carinhosamente, pela continuidade e maior brilho das tradições de vosso país, que tanto de comum têm com as do nosso.

Na cátedra, como professor de direito, no jornalismo, no parlamento e na diplomacia, cujos altos postos alcançastes, revelastes sempre as vossas superiores qualidades de inteligência e de cultura.

Já agora, Ministro das Relações Exteriores, cooperais com o eminente Presidente General BALDOMIR na administração dos negócios públicos, nesta quadra tormentosa e de largas vicissitudes para a humanidade.

À causa da civilização americana, principalmente nas Conferências de Havana e de Panamá, prestastes o melhor dos vossos cuidados e esforços.

Mercê de vossas sugestões, o Comité de Neutralidade, com séde no Rio de Janeiro, aprovou, ainda, recentemente, importantíssimas teses, dentre as quais são de assinalar-se a da exclusão de submarinos dos países em guerra dos nossos portos e aguas territoriais, a da determinação do que sejam navios auxiliares de frotas beligerantes, aos quais serão applicadas as mesmas disposições que se destinam aos navios de guerra, e, finalmente, a das nórmas referentes à internação de oficiais e tripulantes de navios de guerra e auxiliares de potências envolvidas no conflito europeu.

E nem me esqueça de mencionar, tambem, a vossa magnífica contribuição à causa inter-americana, consistente nos projetos relativos à necessidade de consulta prévia entre os países sul-americanos no que respeite à manutenção da neutralidade em face da guerra europeia, para se conseguir uma fórmula prática e segura de cooperação e auxílio de

país para país — eloquente manifestação de alto espírito de solidariedade continental.

* * *

Ilustre, assim, por tantos títulos, não é de admirar que a Universidade de S. Paulo receba solenemente e com justa ufania a vossa visita, exmo. sr. Ministro GUANI, aproveitando o ensêjo para manifestar o seu aprêço pela vossa obra e exprimir, com sinceridade, os sentimentos fraternais que nutre pelo vosso país.

Não sois, portanto, um estranho e nem um estrangeiro: seria possível vos considerasseis em nossa terra.

Aliás, os testemunhos eloquentes que já recebestes na Capital da República e em S. Paulo deixam evidenciada a sincera e desinteressada amizade que une uruguaio e brasileiro.

Muito de comum temos, com efeito, por sermos irmãos na raça, nos costumes e na religião e sentirmos, unisonamente, os mesmos anseios e as mesmas aspirações.

As fronteiras estipuladas geograficamente para o deslinde de seus territórios nada significam, porém, para os sentimentos afetivos dos dois povos irmãos.

Jamais seríamos estrangeiros uns para os outros, pois, estrangeiro é apenas aquele que, por irreduzível diversidade de sentimentos e de mentalidade, não nos póde compreender ou não se nos faz compreender.

Irmãos somos, irmãos que muito se querem cujas relações, porém, poderão estreitar-se mais ainda mercê de um esforçado e inteligente intercâmbio econômico e cultural.

Nossos generosos ideais são idênticos e a nossa aspiração de paz e de progresso hão-de reforçar-se ante o tremendo quadro que nos oferece, hoje, a vida mundial.

Vemos, contristados, países de civilização apuradíssima, países que detêm todas as vantagens de uma cultura superior entregues à carnificina, derramando o sangue de seus filhos numa luta gigantesca e espalhando pelo órbe as maiores apreensões e os mais fundos sobressaltos.

Vemos, com amargôr, nessa Europa milenária, onde sempre bebemos a luz de tantos ensinamentos, aspirações em choque, por inconciliáveis, criadas e acirradas pela diversidade de regimens políticos.

Em contraste, porém, com esse panorama de tristeza, os países americanos, confiantes em si mesmos e guiados por diretrizes seguras, aguardam a aurora de dias melhores, antepondo às forças destrutivas os mais alevantados princípios do Direito e da Justiça.

Essa solidariedade continental, fruto de longa experiência, traço marcante da evolução política da América, principalmente após o sucesso das Conferências de Montevideú, Buenos-Aires, Lima, Havana e Panamá, devêmo-la à orientação sábia e à clarividência dos homens públicos americanos, que atenderam às realidades continentais, sem pôrem, todavia, à margem, para o acerto das soluções, os elementos e a história de sua respectiva formação nacional.

Mas, si o que se fez é muito, não será tudo, porque a humanidade encontra-se, hoje, na curva decisiva de seus destinos, sem que nos seja dado lobrigiar as dificuldades que lhe estão reservadas.

Que resultará das trevas, que cada vez mais se adensam do outro lado do Atlântico?

Espetadores melancólicos de tantas desgraças, não nos aquietemos displicentemente, esperando a marcha e o fim desta triste realidade.

Devemos descrever da civilização e da justiça internacional?

Na sua primeira encíclica “Summi Pontificatus”, que tão profundamente ecôou pelo mundo, Sua Santidade Pio XII lembrou aos homens que o esquecimento da lei universal da caridade é a origem iniludível dos males que afligem, atualmente, a vida comum dos povos.

Com a autoridade que lhe empresta a sua máxima posição, Pio XII advertiu, ainda, que os rancores e as oposições que culminaram com o estado de guerra entre as maiores potencias européias só se compreendem, também, em razão

da existência das concepções radicais de alguns Estados, que repeliram a supremacia da lei divina.

E esse princípio de que o Estado é onipotente, fim em si mesmo, ao qual tudo está subordinado, leva irresistivelmente à estatolatria, confrangendo todas as liberdades humanas.

Nós, juristas, temos o dever de pregar contra esse êrro, pois, o Estado não passa de servidor do homem, só existe para o homem, cujos direitos específicos dele independem e só decorrem de sua natureza intrínseca.

E Pio XII, ao pressentir a catástrofe que então se avizinhava, ao proferir a sua encíclica, profligou o êrro gravíssimo de semelhantes doutrinas liberticidas, destruidoras da unidade social, do valor e dos fundamentos do direito das gentes, por abrirem caminho facil a todas as violências.

Sentimos todos, nestes dias que correm velozes e atribulados, a falta de um verdadeiro espírito internacional, do sentimento de solidariedade internacional, dessa consciência viva do destino comum de todos os povos, que precisam unir-se para possibilitarem a marcha ascensional da civilização.

O direito das gentes exige o respeito aos direitos de cada povo, forte ou fraco, á sua independência, á sua vida, ao método e possibilidades de sua evolução.

Si, ao envês, fundarmos o direito das gentes apenas sobre a vontade exclusiva e autônoma das nações, teremos destruído irremediavelmente esse direito, tirando-lhe os seus melhores títulos, entregando-o ao jogo das paixões e dos interesses, ao dinamismo dos egoismos, pela exaltação dos direitos próprios e menoscabo e sacrifício dos direitos alheios.

A sentença de HOBBS — *homo homini lupus* — não há-de subsistir no futuro.

A civilização não perecerá, sem embargo da terrível noite que atravessamos.

Deus nos livre que as liberdades humanas, conquistadas após tremendos choques e esforços, possam ser sufocadas

inapelavelmente pelo predomínio daqueles que apenas concebem e toleram o Direito como um méro manto dissimulador dos propósitos das mais duras tiranias e das mais chocantes injustiças.

A liberdade, afinal, é o mais alto direito humano, é o próprio direito em sua subjetivação.

Sem ela, já se disse, o homem se nivelaria á planta e a vida não passaria de méra vegetação.

Temos a obrigação indeclinavel de arrostar e profligar, com veemência, tais sistemas que visam destruir o patrimônio moral da humanidade, quebrar a harmonia social, implantando o desânimo e a descrença entre os homens.

Campanha urgente essa, campanha imprescendível, que é, ao mesmo tempo, obra de são patriotismo e de solidariedade continental.

A lição que esta guerra atrás nos está ministrando, os ensinamentos que desta tragédia podemos tirar, de muito nos hão-de servir para a correção de nossas falhas, encorajando-nos a combater pelo triunfo dos sagrados e eternos princípios do Direito e da Justiça.

Creemos na humanidade, porque creemos na cultura e na civilização, bens preciosos que não hão-de extinguir-se de um golpe.

Creemos na força do Direito e não nos resignamos diante desta guerra crudelíssima.

RADBRUCH, na sua *Filosofia do Direito*, diz que é perante a consciência do jurista que se desenha o grave problema de saber si neste pobre planeta ha de dominar um dia o acaso ou a razão — o de saber si, justamente no lugar onde se estão decidindo os destinos do mundo, o Direito retirar-se-á impotente ante a anarquia, e lhe abandonará o campo, ou será chamado a erigir, aí, o seu dominio único e absoluto.

Trata-se de saber, afinal, conclúe o eminente professor de HEIDELBERG, si a cathedral do Direito, caída em ruínas antes de concluída, terá um dia, no seu cimo, servindo-lhe de fecho, ou uma mesquinha construção provisória, ou uma

verdadeira e gloriosa cúpola que possa ser considerada digna dela.

De qualquer maneira, nós, americanos, temos o dever de preservar e salvar as tradições do nosso Continente, tradições de ordem e de respeito aos princípios do direito das gentes.

Realizaremos os nossos ideais, faremos a nossa civilização, sob a égide do cristianismo, confiando na grandeza do futuro que aguarda os nossos países nestes bemfadados rincões americanos.

Os esforços dos nossos homens públicos, o seu tacto, a sua prudência e a sua extrema vigilância na direcção dos destinos de suas respectivas nações nos livrarão de todos os males, e os seus nomes, por certo, serão assinalados á benemerência das futuras gerações.

Dentre eles, como homenagem á justiça, destaquemos o vosso, exmo, sr. Ministro dr. ALBERTO GUANI, paladino da bôa causa, pregador dos altos ideais de confraternização sul-americana.

* * *

O Uruguai póde orgulhar-se dos grandes serviços prestados á causa comum do nosso Continente.

Representais, exmo. sr. Ministro, a tradição do vosso país, porque sempre pusestes os vossos esforços no cumprimento das aspirações nacionais e no culto dos destinos da América Latina, para onde, fatalmente, em futuro não mui distante, ha-de deslocar-se o eixo do progresso mundial.

O patrimônio do Uruguai e do Brasil é um patrimônio de inteligência, de cultura e de tradições históricas.

A situação geográfica de ambos impõe uma estreita e firme solidariedade, não apenas uma solidariedade sentimental, mas uma aproximação real, prática, traduzindo-se em afirmações e medidas eficazes, que possam contribuir

para a definitiva consagração do princípio de concórdia continental.

Congraçados, assim, trilhando, vanguardeiros, o mesmo caminho, muito poderão fazer em bem da coesão e unidade das nações americanas, porfiando nesta cruzada nobilíssima da civilização da América Latina!

Na vossa pessoa, exmo. sr. Ministro, saudamos, efusivamente, a nobre e heroica nação uruguaia!